



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **A OBSERVAÇÃO DO ESTÁGIO EM GEOGRAFIA NO ÂMBITO DO ENSINO FUNDAMENTAL: DA TEORIA PARA A VIVÊNCIA ESCOLAR**

Marta Evânia Miguel da Silva; Raiany Priscila Paiva Medeiros Nonato; Francisca Elizonete de Souza Lima; Rute Soares Paiva

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Prof<sup>a</sup> Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). E-mail: [marthaevania@gmail.com](mailto:marthaevania@gmail.com)*

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Prof<sup>a</sup> Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). E-mail: [raianypriscila18p@gmail.com](mailto:raianypriscila18p@gmail.com)*

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado Prof<sup>a</sup> Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM). E-mail: [lilielizonetesouza@gmail.com](mailto:lilielizonetesouza@gmail.com)*

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Secretaria de Educação a Distância (SEDIS). E-mail: [rutedeitou@hotmail.com](mailto:rutedeitou@hotmail.com)*

**Resumo:** O Estágio Supervisionado na licenciatura, é um processo crucial para o aperfeiçoamento e formação do aluno licenciando, é nesse momento que o discente tem o primeiro contato com o espaço que ele irá atuar profissionalmente. Em geografia, assim como em outras licenciaturas, é necessário que o graduando para realizar seu estágio, tenha embasamento teórico da disciplina de sua área de formação e das políticas educacionais que regem o ensino, a exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Tivemos como base teórica para a elaboração desse trabalho, Pimenta (2010) e Lima (2012) Straforini (2011), Fantini (2010) e Callai (2014) para exposições e discussões teóricas sobre o tema proposto. A realização da observação do estágio supervisionado em Geografia teve como atividade final o planejamento e a execução de uma oficina em uma escola pública do Ensino Fundamental. Diante da experiência vivenciada, novos aprendizados sobre a prática do ensino, didática e sobre os alunos foram adquiridos, e estes, contribuirão significativamente na formação docente. É satisfatório para o estagiário ver o interesse e a participação dos alunos na exposição e nas atividades trabalhadas. Acreditamos que essa satisfação assim como a visão positiva de toda essa experiência é algo que faz parte da identificação com a licenciatura, com o ser professor.

**Palavra-chave:** Observação do estágio, Geografia, Ensino Fundamental.

### **1. INTRODUÇÃO**

O Estágio Supervisionado na licenciatura, é um processo crucial para o aperfeiçoamento e formação do aluno, é nesse momento que, muitas vezes, o discente tem o primeiro contato com o espaço que ele irá atuar durante toda sua vida profissional, a sala de aula, e é através dele que a formação do docente se solidifica. As etapas do estágio impulsionam a prática de planejamento do discente orientado pelo seu professor.

As três etapas do estágio, tradicionalmente formadas, são a observação, a participação e a regência, que tem por pressuposto a aprendizagem de ser professor, e se dá pela reprodução das práticas observadas e experimentadas. Apesar da compreensão de estágio como atividade complexa, e do professor como produtor de conhecimentos que tem como base a reflexão e a pesquisa sobre a prática, o que possibilita novas propostas ou modalidades de estágio, o esquema tradicional ainda se faz presente (PIMENTA, 2010, p. 187). Nesse



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

contexto, discute-se a importância do estágio na formação docente e como esse contribui para a escola em que é executado.

O presente trabalho, apresenta discussões sobre a observação do estágio em Geografia no âmbito do ensino fundamental. Nesse contexto, trazemos uma breve discussão sobre Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia, e como este é elaborado e conduzido pelos profissionais da educação no âmbito do Ensino Fundamental, considerando que esta fase da educação precisa de um ensino de geografia discutido dentro das principais questões teóricas da disciplina, sem que esta, seja fragmentada.

Tivemos como base teórica para a elaboração desse trabalho, Pimenta (2010) e Lima (2012), Straforini (2011), Fantini (2010) e Callai (2014) para expor ideias e discutir sobre o tema proposto. O campo de pesquisa do nosso trabalho é uma Escola pública de Ensino Fundamental na qual realizou-se a observação de estágio na turma do 9º ano “A”, durante o período de 12 dias, que possibilitou 20 horas de observação e análise. Em uma outra escola pública, houve a realização de uma oficina, ministrada na turma do 8ª ano “2”, do turno matutino, finalizando as etapas da disciplina de Orientação e Estágio Supervisionado em Geografia I – OEG I.

O presente trabalho encontra-se organizado inicialmente em discussões sobre o planejamento e a observação no estágio, trazendo fundamentações teóricas para a compreensão do desenvolvimento e da importância do estágio supervisionado. Seguidamente relata-se as experiências da observação e coparticipação do estágio. E por fim relatamos as experiências vivenciadas na elaboração e execução da oficinas realizadas em uma segunda escola pública na qual trabalhamos o tema Pluralidade Cultural

## **2. O ESTÁGIO E O CURRÍCULO DE GEOGRAFIA: BREVES CONSIDERAÇÕES**

Na docência, assim como em qualquer outro ramo profissional, o planejamento das atividades é fundamental para a realização de uma aula qualitativa. Partindo desse pressuposto, Pimenta (2010, p. 180) afirma que este, funciona como “uma atividade-eixo, como a espinha dorsal que sustenta e permeia todo o percurso do ensinar e do aprender”. Assim, temos o planejamento como algo indispensável na prática docente, como uma atividade necessária para que o aluno estagiário sintam-se seguro e confiante na execução da aula/atividade.

O planejamento assim como a avaliação, são processos educacionais que devem acontecer a partir do coletivo, viabilizando assim a realização do projeto pedagógico do curso,





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

e nessa constituição, o estágio é parte fundamental. Dessa forma, o planejamento possibilita também, a discussão sobre caminhos que viabilizam os objetivos do curso e o perfil do profissional que almeja formar, dentro das condições objetivas oferecidas pela realidade, explorando os possíveis avanços diante dela (PIMENTA 2010). Assim, percebe-se o quanto o planejamento e a avaliação, partindo da coletividade, estão intimamente ligados considerando a relação entre universidade, professor-orientador, professor-supervisor, aluno e escola.

Nas universidades, especialmente nos cursos de licenciatura, o estágio é esquematizado, tradicionalmente, em etapas que se resume em observação, participação e regência. Segundo Ludke e André (1986 *apud* Lima 2012, p. 63) “a observação se caracteriza pelo contato pessoal e estreito do ‘estagiário pesquisador’ com a escola, permitindo que este chegue mais perto da realidade para depois, nela intervir.” Entendemos que a observação é o primeiro passo para a prática do estágio, através dela passamos a conhecer o espaço escolar, bem como os pontos positivos e negativos e os sujeitos que se trabalhará posteriormente, na participação das aulas e na regência. Salientamos que esse olhar do estagiário deve está aliado à fundamentação teórica que é uma base na orientação e desenvolvimento da vivência do estagiário.

Dessa forma, a teoria que o licenciando ver na academia, antes de atuar na escola, é uma base para norteá-lo e ajudá-lo no desenvolvimento de sua análise crítica, considerando que ele vai para a sala de aula, não só como um futuro professor, mas também como um observador-pesquisador.

É no processo de estágio, que a formação do docente se solidifica, essa experiência pode impulsionar a identificação do graduando da licenciatura com a profissão que ele escolheu para sua vida. Dessa forma, a escola se apresenta como campo de pesquisa para o estagiário, pois é nela que ele irá exercitar sua visão crítica, como futuro educador, procurando entendê-la e analisá-la considerando aspectos como infraestrutura, a equipe pedagógica, a política pedagógica e, principalmente, o professor regente e os alunos com quem ele irá trabalhar. Nesse sentido, Masetto (2004 *apud* Lima 2012, p. 74) afirma que,

A valorização da parceria e co-participação entre professores e alunos e entre os próprios na dinamização do processo de aprendizagem e de comunicação se justificam pela necessidade de gerar novas formas de trabalho pedagógico e aproveitamento das atividades escolares.

Entendemos que o estagiário, pode contribuir significativamente na dinâmica de ensino-aprendizagem ao lado do professor-supervisor. Essa parceria, soma conhecimentos que compartilhados em torno de um planejamento de atividades pode tornar o ensino mais dinâmico proporcionando, dessa forma, uma forte interação entre os alunos, e destes, com os



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

professores e conseqüentemente uma importante participação do estagiário no processo de construção do conhecimento dos alunos. Dessa forma, sobre esse processo de construção do conhecimento pelo aluno na escola, Cavalcante (2005, p. 67) afirma que,

[...] um grande desafio para os professores, no papel que lhe cabe nesse processo, é o de desenvolver atividades em sala de aula considerando a escola um lugar de cultura, de encontro de culturas. Trata-se do entendimento de que a escola lida com a cultura, no interior da sala de aula e nos outros espaços escolares”.

Com isso, entendemos que para desenvolver atividades adequadas para os alunos de cada sala de aula, o professor e o estagiário deve ser consciente e ter conhecimento da cultura que se manifesta em cada aluno para que o processo de construção do conhecimento seja inclusivo e que possa realizar uma interação entre os sujeitos educandos.

Dessa forma, para conduzir os profissionais da educação, principalmente os professores, procurando respeitar as diversidades regionais, culturais e políticas existentes no Brasil, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), visando criar nas escolas condições que permitam aos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessário ao exercício da cidadania (BRASIL, 1998).

Em uma sociedade global, para entender um documento curricular oficial, é preciso levar em consideração todo o contexto histórico, político e atual da mesma. Os PCN no Brasil, especialmente o de Geografia, estão carregados de uma cultura neoliberal e de ideologias tidas como base para a criação das políticas educacionais do país criadas na década de 1990. Para Straforini (2011, p.48),

É consenso que as políticas educacionais iniciadas nos anos 1990 têm se constituído em ações verticalizadas e implementadas de cima para baixo, ou seja, sem ouvir ou acatar o conhecimento produzido e acumulado ao longo de anos pelas mais diferentes comunidades científicas, educacionais e profissionais.

Assim, entende-se que as reformas educacionais ao serem formuladas não incluía a participação de sujeitos que tinham o verdadeiro conhecimento da realidade da sala de aula, da educação vivenciada na prática e no cotidiano das escolas brasileiras, pelos profissionais que veem de perto o resultado que as práticas dessas políticas educacionais geram no ensino-aprendizagem. Diante disso, foram formuladas políticas educacionais que favorecem uma hegemonia, visando manter a manipulação de uma sociedade que continuasse lhes servindo de força de trabalho.

Assim, consideramos que a participação de especialistas acadêmicos na elaboração do PCN é importante, porém à participação dos professores, ou seja, à participação daqueles que praticam o ensino, que lidam diariamente com a realidade escolar é algo que deve ser considerado pelo Estado, para que esses currículos não continuem sendo produzidos





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

verticalmente de cima para baixo e com incoerências nos temas das devidas disciplinas que compõe a grade curricular, principalmente, na Educação Básica, em que podemos destacar os PCN de Geografia.

Os PCN de Geografia tem sido alvo de muitas crítica desde a década de 90, essas críticas apontam para as imprecisões e incoerências no que se refere as definições dos conceitos e das categorias geográficas, sendo que são em muitas vezes empregadas de forma equivocada (STRAFORINI, 2011). Assim, ressaltamos a relevância da participação de professores especialista em geografia para a elaboração dos textos dos PCN dessa disciplina e dos conteúdos e métodos para o ensino dos temas geográficos.

A preocupação central do ensino de geografia, na educação infantil e nos anos iniciais, é a construção da noção espaço-tempo, um ensino voltado para a compreensão das relações da sociedade com a natureza e na visão do espaço como o resultado das relações sociais, o que justifica a construção de lugares diferentes, uma construção que se dá de maneira histórica e mediada pelo trabalho e a cultura (FANTINI, 2010).

Dessa forma, a garantia de que os PCN de Geografia sejam elaborados por profissionais da área, é uma segurança necessária que os professores precisam para que sua formação seja valorizada e que deles sejam cobrado o repasse do verdadeiro conhecimento geográfico. Nesse contexto, de acordo com Fantini (2010, 72), “o objeto de estudo e o quadro teórico conceitual de uma disciplina são elementos fundamentais para sua identidade”.

E se tratando de acesso e conhecimento dos docentes a documentos e conteúdos importantes na prática do ensino, ressalta-se a importância da participação do professor na escolha do livro didático.

Tratando-se do livro didático de Geografia, tendo em vista que esta é uma disciplina que possui categorias de análise que está presente em outras áreas do conhecimento, a exemplo o lugar, a participação do professor licenciado em Geografia para a escolha do mesmo, é crucial para evitar à utilização de livros que tragam uma fragilidade teórica no conteúdo geográfico escolar. Sendo este a principal ferramenta/base para o professor ensinar os conceitos chaves da Geografia, a escolha ideal do livro didático pode evitar que este traga as questões teóricas fragmentadas.

Todavia, sabemos que a formação e qualificação do professor é fundamental para que o mesmo tenha segurança na realização de tarefas como a escolha do livro didático ideal para norteá-lo na transmissão dos conteúdos. Como discente nessa formação, o estagiário deve realizar em sua observação do espaço escolar e da vivencia na sala de aula, um análise sobre o



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

livro e como os conteúdos da disciplina estão expostos neles tendo em vista que está é uma ferramenta fundamental para o ensino.

### **3. A OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DO ESPAÇO ESCOLAR A PARTIR DA VIVÊNCIA NA SALA DE AULA**

Uma escola pública do Ensino fundamental do 6º ao 9º ano foi o campo e observação tanto do espaço escolar como da realização das aulas de Geografia em uma turma do 9º ano composta por 29 alunos. A equipe pedagógica dessa escola era composta por diretora, vice-diretora, uma coordenadora, um supervisor e um professor que trabalha no suporte multifuncional. A escola é bem sinalizada com murais e cartazes informativos nas paredes, proporcionando assim uma boa comunicação visual para os alunos.

No espaço escolar é preciso considerar, segundo Lima (2012, p. 72), “os objetivos, sua estrutura e funcionamento, e nesse contexto, a relação estabelecida entre as pessoas que atuam nesse espaço, ou seja, a escola em movimento”. Assim, compreende-se que ao estagiar é de fundamental importância ter um conhecimento das relações cotidianas que se desenvolve entre funcionários, professores e alunos, no espaço escolar observado, e como estes se articulam e interagem na realização de suas atividades.

O turno da observação foi o vespertino, neste, funcionários como porteiro, merendeiras e bibliotecária, no geral, aparentam ter uma boa relação com os alunos. A Biblioteca da escola é relativamente pequena, e possui poucos livros didáticos e paradidáticos de Geografia. Observa-se que o sistema de consulta de livros tem um método interessante de avaliação das consultas de cada aluno, pois, propõe que eles ao finalizar a leitura do livro, preencha uma ficha de resumo, relatando, sucintamente, a sua compreensão do livro.

O cotidiano da sala de aula observada, nas aulas de Geografia, se desenvolvia em uma relação de muita comunicação do professor para com os alunos. Diante da gentil receptividade do professor regente, no primeiro contato, tivemos desde então uma certa tranquilidade com relação a convivência com ele durante o período de observação.

De acordo com Lima (2012, p. 72), “conhecer a profissão e seus profissionais aproxima-nos do magistério, levando-nos a perceber as possibilidades e limites do trabalho desenvolvido pelos professores na realidade do cotidiano escolar”. Considera-se importante que no estágio, seja observação ou regência, mantenha-se a prevalência de uma boa comunicação com o professor supervisor, pois ele pode contribuir para que as se obtenha resultados consistentes e qualitativos nessa pesquisa.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Diante disso, notamos que o envolvimento dos alunos torna-se maior nas atividades escritas, seja no quadro ou transcritas do livro didático, pois quando a atividade se tratava de apresentação/discussão de temas da disciplina, a maioria dos alunos não demonstravam interesse em participar, não externavam compreensões ou inquietações, dúvidas relacionadas ao tema.

Percebemos que a didática do professor para fazer os alunos participarem das aulas discutindo com ele os temas geográficos trabalhados, e saber se eles estavam compreendendo o conteúdo, era fazer correções orais dos exercícios pedindo para que cada aluno realizasse a leitura de suas respostas dos exercícios que foram passados. Notamos que nas aulas, apenas quatro alunos estavam sempre participando e interagindo nas discussões com o professor, expondo seus entendimentos e tirando dúvidas sobre os conteúdos. Assim, de acordo com Castellar (2005, p. 43 grifos da autora),

No processo de aprendizagem, a ênfase tem sido dada ao conteúdo e aos resultados da avaliação, e não em *como criar condições* para a aprendizagem. Tenho como pressuposto que a solução para essas questões está na didática ou na metodologia do ensino, ou seja, como o conteúdo é desenvolvido, levando em consideração o processo de aprendizagem escolar, como o aluno adquire seu conhecimento e como constrói os conceitos científicos. Nesse sentido o resultado da aprendizagem é consequência desse processo.

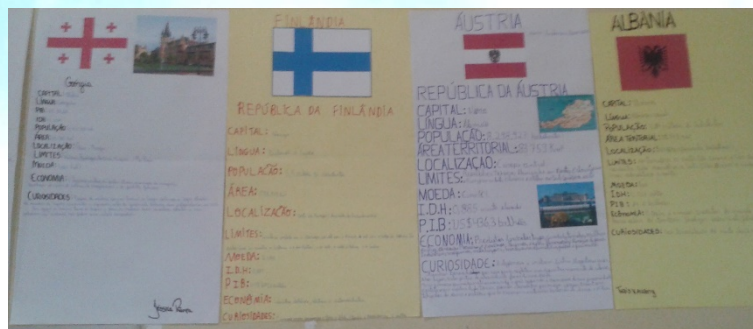
Ao passo que o aluno vai realizando trabalhos e exercícios escritos e leituras seguidas de discussões, que são metodologias bem tradicionais do ensino, é que o professor vai avaliando sua aprendizagem dos conteúdos trabalhados em sala de aula. No entanto, acreditamos que exista uma necessidade de didáticas mais diversificadas (aulas de campo por exemplo) que leve o aluno não só a compreender conteúdos de forma técnica, mas que conduza o educando a desenvolver esses conteúdos no seu cotidiano, no espaço escolar na sua realidade.

No Ensino Fundamental, a Geografia dispõe de bases teóricas para que o aluno possa conhecer e pensar seu espaço geograficamente, desenvolvendo nesses sujeitos uma visão crítica sobre as relações que ocorre no espaço do seu cotidiano e isso, pode contribuir para a sua formação como cidadão, para a construção de sua identidade, bem como para sua noção de pertencimento e autonomia de pensamento. De acordo com a contextualização dos fenômenos, diante das possibilidades de análise, tem-se contribuições para o aluno estudar o lugar em que vive e conseguir estabelecer amplas referências para analisar através de uma visão crítica o mundo em que vive (CALLAI, 2014). Assim, para ajudar o educando na contextualização dos fenômenos que o cerca, na Educação Básica o livro didático é base fundamental para nortear o aprendizado desses sujeitos.



Um dos temas trabalhados durante nossa fase de observação foi o continente europeu, e a didática que o professor usou para trabalhar esse tema foi, inicialmente, a leitura do tema no livro, seguidamente, pediu para que os alunos fizessem uma pesquisa em outros meios sobre cada alguns países do continente europeu, o produto final seria a confecção de cartazes com informações políticas e geográficas desses países (**fotos 1**).

**Foto 1:** Mural geográfico sobre os países



Fonte: Marta Evânia

Nas apresentações dos trabalhos, percebemos que o professor procura sempre interagir e ajudar na discussão dos temas de cada grupo, porém, notamos uma certa inércia por parte da maioria dos alunos em participar das discussões. Ao fim das apresentações dos trabalhos, o professor faz uma breve explanação de todos os temas e cobra mais empenho e organização dos alunos na realização dos trabalhos. Notou-se que os alunos tiveram uma certa empolgação na realização desse trabalho, achando interessante conhecer características como idioma, população e algumas curiosidades, dentre outras peculiaridades, dos países europeus. Nesse momento da observação, podemos perceber que os alunos tinham uma certa habilidade no desenvolvimento desse tipo de trabalho, talvez por ser uma prática comum na didática daquele professor. Percebemos, também, a habilidade que alguns alunos tinham para desenhar, enquanto outros apresentavam uma certa dificuldade nessa arte, optando assim, por recorte e colagem das imagens das bandeiras.

As aulas seguintes, transcorrem com realizações de exercícios e correções dos mesmos, e o professor se mostra sempre disposto a ajudar os alunos, e estes, a cada aula se mostravam mais interessados em escrever a participar de alguma discussão sobre os conteúdos da disciplina.

Ao aproximar-se o fim do período de observação do estágio, e diante da necessidade de conhecermos um pouco mais dos alunos e suas opiniões sobre a escola, as aulas de Geografia e o professor, aplicamos um questionário para a turma que contava com a presença de 26 aluno. Esse questionário era composto por questões objetivas relacionadas a estrutura





# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

da escolar e sala de aula (Gráfico 1 e 3) e questões objetivas/subjetivas sobre o professor da disciplina e as aulas de Geografia (Gráficos 2 e 4).



Gráfico 1



Gráfico 2

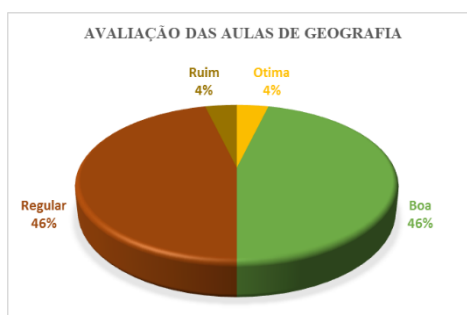


Gráfico 3



Gráfico 4

Com relação a estrutura escolar e da sala de aula, 54% dos alunos consideram regular. Sobre as aulas de Geografia, houve um empate entre os que consideram boa e regular. No que se refere a importância de estudar Geografia, 96% dos alunos disseram que “sim”, considerando importante estudar essa disciplina na escola. Das várias justificativas dessa resposta, destaca-se: “é importante porque conhecemos melhor a Terra, a natureza, os países, os lugares e sobre a economia do mundo”. No que se refere ao professor com relação as aulas de Geografia, 46% consideram bom e 35% regular, a maioria justificou que ele é legal e explica bem os conteúdos.

Percebemos que essa turma de alunos apesar de, em sua maioria, se mostrarem relapsos com as aulas e em algumas atividades, acreditamos que a inovação em didáticas para a realização das aulas de Geografia, nas quais o professor poderia explorar mais a capacidades desse alunos, resultaria em uma interação mais quantitativa e qualitativa desses educandos. Sabemos que o processo de aprendizado requer muito trabalho e uma visão aguçada do professor sobre a particularidade, capacidade e cultura de cada aluno, mas com os resultados do questionário foi possível identificar necessidades e desejos desses sujeito sobre as aulas, nos quais destacamos a preferência da maioria por aulas de campo. Assim, percebemos que identificar as necessidades, ouvir opiniões dos alunos sobre as aulas podem contribuir para



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

que o professor inove sua didática e assim obter bons resultados na realização de suas atividades

#### **4. A OFICINA NO ENSINO FUNDAMENTAL: DA OBSERVAÇÃO PARA A PRÁTICA**

Uma das atividades propostas durante a disciplina de OEG I, foi a realização de oficinas temáticas em uma outra escola da rede pública. Foi realizado discussões e planejamento na sala de aula juntamente com os professores do estágio. O tema que trabalhamos na oficina em uma turma do 8ª ano foi Pluralidade Cultural. Esse momento, nos proporcionou uma importante experiência e foi significativamente complementar para o estágio. A turma era composta por 22 alunos e objetivamos abordar a diversidade cultural e étnica do Brasil, a partir de suas regiões. Com o auxílio de equipamentos multimídia expomos os conteúdos e, para uma interação de todos os alunos, realizamos dinâmicas com tarefas relacionadas ao tema. Uma dinâmica, tinha a finalidade de mostrar que todos somos diferentes, tanto nos aspectos biológicos quanto culturais.

A partir da dinâmica, iniciamos as discussões exposições sobre diversidade étnica e cultural, ressaltando que devemos sempre respeitar e procurar entendermos essa diversidade. Dessa forma foi abordado os diferentes processos históricos e geográficos que deram origem às características culturais de cada região brasileira. Assim, buscamos reconhecer essa diversidade etnocultural que compõem o território brasileiro como uma riqueza dessa sociedade, com base na tolerância no respeito e na valorização dos diferentes grupos e culturas.

Na medida em que seguia a exposição dos conteúdos sobre cultura, etnia, diversidade cultural e linguística das regiões brasileiras, os alunos iam participando, assim, foi possível perceber que alguns tinham um alguns conhecimentos sobre pluralidade cultural. Conforme a oficina se desenvolvida, aumentava significativamente a participação dos alunos. Notamos, no momento da exposição da música uma grande concentração dos alunos na letra e nas imagens que estavam sendo exibidas através de um vídeo.

Como produto final da oficina, houve a formação de grupos, entre os alunos, para a confecção de cartazes nos quais cada grupo apresentou características sobre a diversidade cultural de uma região brasileira. Todos os grupos expuseram em seus cartazes importantes aspecto culturais de cada região como costumes, culinária, religião entre outros. Mesmo os alunos sendo razoavelmente ruidosos, desenvolveram uma boa atividade, considerando o tempo estabelecido.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Percebemos, que os alunos se envolveram naquela aula diferente e se mantiveram presente em todas as etapas, colaborando e participando. A realização de um bingo com dialetos típicos de cada região brasileira atraiu ainda mais atenção deles, e a curiosidade do conhecer o significado de algumas palavras desconhecidas.

Diante da experiência vivenciada, novos aprendizados foram adquiridos, e estes, contribuirão significativamente na formação docente. Podemos dizer que experienciar pela primeira vez, a situação de estar à frente de uma sala de aula, construindo junto com os alunos um determinado conhecimento, dialogando e procurando desenvolver habilidades e o jeito mais adequado para o ensino-aprendizagem, é um grande desafio.

Consideramos dentre os aprendizados proporcionado por tal experiência, a grande responsabilidade de trabalhar um conteúdo de forma clara e com a linguagem adequada para aqueles alunos, aprendemos que na prática, a sala de aula da educação básica exige muito que se tenha uma prática-pedagógica flexível, ou seja, baseada na construção de um conhecimento desenvolvido através de diálogo entre professor e aluno.

Nessa primeira atuação, na prática de ensino-aprendizagem em sala de aula, obtivemos a oportunidade de conhecer um pouco alguns alunos, considerando o curto tempo, e identificar alguns perfis à partir de seus comportamentos. É satisfatório para o graduando estagiário ver o interesse a participação dos alunos na exposição e atividades trabalhadas, e acreditamos que essa satisfação assim como a visão positiva de toda essa experiência é algo que faz parte da identificação com a licenciatura, com o ser professor.

### **3. CONCLUSÕES**

Diante do exposto, entende-se que o planejamento, principalmente no ensino, é indispensável para a qualidade da aula e atuação do professor, bem como para o estagiário em todas as fases do estágio. A experiência na observação de estágio, nos leva a conhecer a realidade do espaço escolar e a observa-lo com um olhar diferente do que costumava-se ter sobre a prática de ensino e o espaço escolar como um todo.

A sala de aula do ensino fundamental, apresenta-se como um espaço composto, tendo em vista que os alunos apresentam características muito diferenciadas no que refere-se a cultura, educação familiar e envolvimento com as atividades escolares. Diante disso, é notório que os alunos a cada dia se mostram menos envolvidos com a aprendizagem, e no ensino de Geografia são poucos os alunos que demonstram esforços para com essa disciplina.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Diante do observado, nos deparamos com uma realidade que intimida, mas que ao mesmo tempo nos desafia a se envolver e tentar fazer o melhor diante da missão de ser professor. Na sala de aula aqueles poucos alunos que se dedicam e participam da aula, é uma motivação para esse profissional que a cada dia se encarrega da grande missão que o ensino.

A análise das respostas dos alunos com relação as aula de Geografia, revela que a uma grande carência de aulas mais dinâmica e principalmente de campo. Assim, é notório o quanto esses alunos carecem de didáticas diferenciadas nas aulas de Geografia.

#### **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**BRASIL**, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998, p. 19-34.

CASTELLAR, Sônia. A psicologia genética e a aprendizagem no Ensino de geografia. In: CASTELLAR, Sônia. (org) **Educação geográfica: teoria e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 38-50

CAVALCANTE, Lana de Souza. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sônia (org.). **Educação Geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. P. 66-78;

FANTINI, Maria Eneide. Reflexões iniciais sobre o currículo e o ensino da geografia na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. In: TAUSCHEK, Neusa Maria; NEVES, Diogo Labiak. **Metodologia do ensino de geografia**. 22 ed. ver. Atual e ampl. Curitiba: ibepex, 2010, p. 68-91.

LIMA, Maria Socorro Lucena. O olhar de observação sobre a escola e suas relações: qual o sentido do estágio para o estagiário In: **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Líber Livro, 2012. p. 61-83.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria do Socorro Lucena. Planejamento e Avaliação do Estágio. In: **Estágio e Docência**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2010. p 177-215.

STRAFORINI, Rafael. O currículo de geografia das series iniciais: entre conhecer o que se diz e o vivenciar o que se pratica. In: TONINI, Maria Ivaine. et al. **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 41-58.